



Psicologia USP

ISSN: 0103-6564

revpsico@usp.br

Instituto de Psicologia

Brasil

Canavêz, Fernanda

NA OUTRA CENA DA REPRESENTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FERENCIANAS SOBRE O
TRAUMA

Psicologia USP, vol. 24, núm. 1, enero-abril, 2013, pp. 165-182

Instituto de Psicologia

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305128931009>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

re&alyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

NA OUTRA CENA DA REPRESENTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FERENCZIANAS SOBRE O TRAUMA¹

Fernanda Canavêz

Resumo: O objetivo deste artigo é abordar as contribuições ferenczianas acerca do trauma para enaltecer a pluralidade do psiquismo, seja formado por traços psíquicos representados ou por marcas traumáticas que extrapolam o campo da representação. Por conseguinte, propõe-se que as vertentes estruturante e desestruturante do trauma sejam compreendidas não como predicados de diferentes tipos de trauma, mas como movimentos inerentes à constituição psíquica. Assim sendo, a clínica psicanalítica deve extrapolar um modelo estanque de psiquismo para contemplar as produções subjetivas que se dão na outra cena da representação, dentre elas a dimensão sensível da linguagem.

Palavras-chave: Trauma psíquico. Representação. Ferenczi, Sandor, 1873-1933. Linguagem.

Introdução

Em contiguidade com o pensamento freudiano, Sándor Ferenczi, representante húngaro da primeira geração de psicanalistas, comprehende o trauma em duas vertentes. A primeira delas atende pela característica de ser estruturante, referindo-se a experiências que preconizam mudanças no aparelho psíquico, como o aprendizado de hábitos de higiene impostos à criança, veiculando sua inserção

1 Trata-se de um trabalho derivado da tese de doutorado intitulada *Violência, trauma e resistência: sobre o múltiplo na psicanálise*, defendida em 2012 e desenvolvida com o financiamento da Capes.

social. Ferenczi positiva a vertente estruturante do trauma como parte de uma herança filogenética (Ferenczi, 1924/1990) observada, por exemplo, em experiências sexuais infantis que favorecem a capacidade de imaginação (Ferenczi, 1924/1993).

Na segunda vertente, encontra-se o potencial desestruturante do trauma que, ao contrário de fomentar a estruturação do aparelho psíquico, coloca “em risco o projeto identificatório do sujeito” (Pinheiro, 1995, p.66) e vai na contramão da tendência do eu à integração, esta demonstrada por Freud (1926/1976). Trata-se de uma dimensão que interessa especialmente ao campo psicanalítico, já que permite dissipar pontos que permaneceram algo nebulosos na teoria freudiana, como, por exemplo, a gênese das neuroses traumáticas e o tratamento dispensado a pacientes traumatizados.

Vale ressaltar, no entanto, a proposta de que estruturante e desestruturante não sejam tomados como predicados de diferentes tipos de trauma, mas como movimentos, como um permanente jogo de forças em que o atributo da “estruturação” não se revela tão apartado do da “desestruturação”. A partir dessa perspectiva, evita-se uma concepção de psiquismo intimamente atrelada à prerrogativa de um modelo de estrutura e, por conseguinte, de um percurso indispensável rumo à estruturação para que se constitua um sujeito.

O esvaziamento da visada de uma divisão estanque entre trauma estruturante e desestruturante não silencia, todavia, as considerações clínicas propiciadas pelas formulações ferenczianas acerca do potencial desestruturante do trauma. Ao contrário, entende-se que a elaboração de Ferenczi sobre a traumatogênese acaba por construir uma outra dimensão para a clínica psicanalítica que extrapola as neuroses clássicas exaustivamente teorizadas por Freud, estas tributárias do recalque, devedoras da primeira tópica (Kupermann, 2008) e, como tais, afinadas ao pensamento da representação.

Para descortinar a referida dimensão clínica que se dá na outra cena da representação, faz-se premente visitar o cenário da traumatogênese que Ferenczi constrói, formulação absolutamente original à época, cuja operacionalidade salta aos olhos até os dias atuais.

Sobre a traumatogênese

No intuito de aventar a cena traumática, no que revela de desestruturante, Ferenczi parte de três figuras: uma criança abusada sexualmente, um adulto abusador e, ainda, um adulto que se posiciona a respeito do ocorrido. Em primeiro lugar, *a criança seduz o adulto abusador*, mas essa sedução não pode ser dissociada do componente lúdico. Ferenczi não

desconsidera a sexualidade infantil proposta por Freud (1905/1972), embora enfatize que se trata de um funcionamento anterior ao primado da zona genital, o que permite identificá-lo ao predicado lúdico.

O desejo da criança, "mesmo no que diz respeito às coisas sexuais, é somente o jogo e a ternura, e não a manifestação violenta da paixão" (Ferenczi, 1930/2003, p.64), ou seja, a criança seduz através da linguagem da ternura, ao que o adulto abusador responde por meio da linguagem da paixão (Ferenczi, 1932/2003). Em suma, esse adulto se utiliza de uma chave de interpretação diferente daquela da criança, que ainda não conta com a unificação das pulsões性uais.

No segundo tempo da cena traumática observa-se, portanto, o adulto que abusa sexualmente da criança. Ferenczi, ao empreender uma análise da gênese do traumatismo, faz questão de conferir, ao lado do complexo de Édipo freudiano, "uma importância maior à tendência incessuosa dos adultos" (Ferenczi, 1930/2003, p.64, itálicos do autor), tendência esta que fora recalcada e retorna velada pela ternura que o adulto pode exprimir.

A criança, munida da linguagem da ternura, seduz o adulto que a ela responde nos parâmetros da paixão. Diante desse desencontro de linguagens, a criança busca um suporte para o que foi experienciado, na medida em que não dispõe de elementos suficientes para elaborar o ocorrido. No afã de encontrar respostas para a violência sofrida, uma vez que é desprovida de significação, a criança parte em busca de um outro adulto com quem possa compartilhar o que houve.

É possível afirmar que a criança busca nesse terceiro a função de intérprete que faltou ao adulto que figura na cena traumática como o abusador. Esse movimento pode ser exemplificado pela busca da criança por uma explicação para a culpa que pode ter sido sentida pelo adulto abusador por ter se utilizado do ser ingênuo como um igual para a busca de satisfação sexual. Um sentimento refinado como a culpa escapa à compreensão do infante, uma vez que não faz parte da linguagem da ternura (Pinheiro, 1996). Como resposta a esse apelo, ela só encontra um adulto que não consegue entrar em contato com o que se passou, seja por não suportar ou por não acreditar em seu relato.

Finalmente tem lugar o terceiro tempo da cena traumática: *a verdade trazida pela criança é desacreditada por um adulto*, configurando o que Ferenczi chama de desmentido, que advoga para si o potencial desestruturante do trauma, ponto principal a atestar a originalidade da teoria ferencziana. O que confere o aspecto traumático não é exclusivamente a intensidade da experiência ou a predisposição da criança, mas, sobretudo, a acolhida da experiência traumática que é promovida pelo ambiente que a cerca.

Assim, não se trata de conferir maior peso a características individuais – que não raras vezes são elencadas como os únicos determinantes do

aspecto desestruturante observado na experiência traumática – e muito menos às características do fenômeno em si, mas à dimensão relacional colocada em pauta pelo ambiente. Isto significa dizer que não seria uma pretensa “fragilidade” prévia ou os predicados de determinada situação (por exemplo, o fato de se tratar de um abuso sexual) que confeririam à experiência a atribuição de ser traumática, como certas abordagens levam a supor (Canavéz & Herzog, 2011). Trata-se de um complexo jogo de forças que implica considerar, inclusive, como o ambiente respondeu à experiência vivida. A teoria ferenciana acerca da traumatogênese permite, portanto, ir além de explicações deterministas – e, como tais, reducionistas – para contemplar as demais forças em jogo na vivência do trauma.

Cumpre esclarecer que o que está em jogo na postulação do desmentido não é o fato do abuso ter sido factual ou fantasiado, mas a desautorização pelo adulto da verdade da criança. O desmentido é o correlato da mentira através da qual o adulto entende a cena traumática transmitida pela criança. Segundo Pinheiro (1995), “o adulto rouba à fala da criança o sentido ambíguo das palavras, sua polissemia, encarcerando-as na univocidade” (p. 76), cabendo à criança aceitar a fórceps o sentido único que lhe fora imputado pelo adulto. As “palavras do traumatismo” (Pinheiro, 1995, p. 76) são, desse modo, conservadas enquanto marcas traumáticas às quais o encadeamento de representações foi negado devido à rigidez da univocidade.

Dessa forma, o desmentido constitui a espinha dorsal da realidade traumática à qual a criança é forçada a se conformar. A criança é surpreendida por tal realidade, seja porque o adulto a violentou em vez de prover os cuidados de que precisava, seja porque não pôde contar com uma tradução do ocorrido – da qual constitui um exemplo a culpa que pode ser sentida pelo adulto abusador – que a permitisse introjetá-la. Nesse ponto ressalta-se a noção de introjeção, extremamente cara à elaboração ferenciana, já que responde pelo processo psíquico por excelência através do qual o psiquismo se constitui (Ferenczi, 1909/1988) e “traz embutida em si uma noção de produtos tais como representar, produzir fantasma e identificações” (Pinheiro, 1995, p. 45).

Aventado em oposição à projeção característica da paranoia, em que o sujeito projeta no exterior emoções que lhe seriam penosas, o processo de introjeção corresponde à “introdução de objetos exteriores na esfera do ego” (Ferenczi, 1912/1988, p. 61), propiciando a criação do projeto identificatório do sujeito, de seu repertório fantasmático. Trata-se, em última instância, de um processo através do qual o sujeito interage –ativamente, cabe ressaltar – com o ambiente que o cerca.

A introdução de objetos na esfera do eu se dá “de dentro para fora” (Mezan, 1996, p. 101), movimento que, todavia, não se restringe a reencontrar um exterior como alegoria de um mundo interno, mas em alargar as bordas do eu. Introjetar um símbolo significa dizer que determinada

"representação veio a ter uma significação para determinado sujeito" (Mezan, 1996, p. 103), adquiriu um sentido, e Ferenczi salienta a dimensão afetiva desse processo, para além da natureza intelectual que se pode atribuir à significação simbólica (Ferenczi, 1913/1981). Além disso, Maria Torok (1995) esclarece que não é possível introjetar o objeto em sua dimensão absoluta, mas "o conjunto das pulsões e de suas vicissitudes cujo objeto é o próprio contexto e o mediador" (p. 222, itálico da autora), de forma que são introjetados os seus representantes pulsionais, como mostrou Freud (1915a/1974).

Se, por um lado, introjeta-se o representante pulsional que tem significação, ressonância afetiva para o sujeito, por outro lado, há também uma distância entre o tesouro de representações deste e "aquilo de que essas representações são representações" (Mezan, 1996, p. 105). Sobre esse aspecto, Renato Mezan (1996) privilegia o que chama de suporte do objeto no mundo exterior na expectativa de escapar à lógica do psiquismo como mònada, caso a introjeção seja aventada enquanto inclusão daquilo que, de alguma forma, já estaria dado antecipadamente no repertório do eu. Diferente dessa perspectiva, o sujeito parte de uma condição de onipotência absoluta que vai sendo paulatinamente desconstruída devido às frustrações impostas pela realidade (Ferenczi, 1913/1988), limitações importantes (pode-se designar de estruturantes) que conduzem, inclusive, à aquisição da linguagem.

Ao desdobrar asserções encontradas já em Freud (1950/1977), Ferenczi expõe a aquisição da linguagem como responsável pela inserção do sujeito na cultura através da mediação simbólica. Devido às frustrações impostas por essa realidade, torna-se "imperioso falar, o último recurso, e o mais sofisticado, diante do desejo que não se acalma nunca" (Pinheiro, 1995, p. 56). Esse processo não deve ser dissociado da introjeção, pois é devido à capacidade de introduzir objetos na esfera do eu, alargando-o, e à possibilidade de interagir com um ambiente que se amplia cada vez mais, que o sujeito acaba por se deparar com as limitações impostas a sua onipotência.

Sendo assim, a linguagem surge com a função de mediar a inserção do sujeito em um ambiente que pode se mostrar falho, se o compreendemos à luz da desconstrução do ideal de completude que permeia a onipotência inicial do sujeito. Enquanto "incompleto", é preciso que o sujeito parta em busca do que deseja nesse ambiente, funcionando a palavra de "tampão para a impossibilidade de completude... da angústia, do desamparo e de freio da pulsão de morte" (Pinheiro, 1995, p. 57).

Cabe, todavia, esclarecer que a palavra que funciona como mediação é radicalmente diferente daquela à qual a característica de ser traumática foi atribuída. À palavra desprovida de ambiguidade decorrente do desmentido foi negada a possibilidade de introjeção, embora a criança não saia ilesa da realidade traumática: o desmentido deixa seus rastros,

ainda que estes não possam ser assimilados como as representações introjetadas. É possível, desse modo, falar de uma memória do trauma, memória esta que não conta com a mediação da palavra que funciona como tampão para a impossibilidade de completude. Tais rastros apontam para um registro mais primordial, isto é, aquele das sensações, da superfície corporal e não de traços psiquicamente representados.

Esses rastros nada mais são do que o produto da incorporação, o avesso do processo de introjeção. Este se caracteriza por ser gradual, ao passo que o mecanismo da incorporação é instantâneo, mágico (Torok, 1995), fruto da surpresa anteriormente aludida que toma a criança de assalto na cena traumática construída por Ferenczi. A incorporação diz respeito à “instalação do objeto proibido no interior de si” (Torok, 1995, p. 222), signo da introjeção impossibilitada em decorrência do desmentido; tratando-se de uma fantasia da não-introjeção (Abraham & Torok, 1995).

Abraham e Torok (1995) insistem na irreduzibilidade da incorporação face à introjeção, de modo que a incorporação é associada ao registro da fantasia, tomada, neste caso, no sentido daquilo que se opõe a mudanças e busca salvaguardar o psiquismo anterior ao trauma. Já a introjeção é aproximada da realidade que impele em direção à modificação tópica, exatamente nos termos em que aparece na teorização ferenciana (Ferenczi, 1913/1988). Voltaremos à distinção entre incorporação e introjeção na última seção deste artigo, sendo importante no momento indicar que o trauma é correlato da incorporação, um recurso que permite à criança se conformar com o excesso traumático por meio da identificação com o agressor.

Retomando à cena do trauma, é possível dizer que a criança incorpora o objeto adulto abusador, identificando-se com o agressor como reação à realidade traumática. O objeto agressor é incorporado graças a uma situação de “transe traumático” (Ferenczi, 1932/2003, p. 102) – que Ferenczi chega a chamar de “psicose passageira” (Ferenczi, 1930/2003, p. 64) – na qual o abuso que seria fonte de desprazer dá lugar a um cenário de ternura, paraíso infantil perdido por ocasião da cena traumática. Ferenczi fala do retorno a uma “beatitude pré-traumática” (Ferenczi, 1932/2003, p. 104), através da qual se espera anular os efeitos negativos do choque traumático. Essa conquista, todavia, não se dá sem consequências, alvo de discussão na próxima seção.

Os destinos da vertente desestruturante do trauma

Para dar conta da metapsicologia do trauma, Ferenczi postula a ocorrência de uma verdadeira cisão da personalidade: uma parte do eu sente mas não comprehende, ao passo que a restante comprehende tudo,

embora esteja desprovida da capacidade de sentir (Ferenczi, 1934/2003). No intuito de salvar o adulto abusador e dar um destino à angústia sentida devido ao traumatismo, capaz de acarretar o aniquilamento do sujeito, impõe-se uma modificação no eu: parte dele incorpora o adulto autor da violência sexual – podendo ser também o adulto cuidador que, como tal, ocupa o lugar de ideal do eu (Abraham & Torok, 1995) – enquanto a parte restante continua a usufruir da beatitude que antecedeu o trauma.

Trata-se do mecanismo de autoclivagem narcísica (Ferenczi, 1931/2003), mediante o qual uma parte do eu incorpora e se identifica com o adulto abusador, que pode permanecer encriptado (Abraham & Torok, 1995) no psiquismo daquele que sofreu a violência. A cripta é o resultado da incorporação e condição de salvaguarda desse adulto, buscando “reparar – no imaginário – uma ferida real que afetou o objeto ideal” (Abraham & Torok, 1995, p. 253). Para sobreviver à angústia sentida devido à constatação de ter sido abandonado, no sentido de ter perdido as ancoragens identificatórias de outrora, é preciso que o sujeito passe a valorizar a única presença disponível em sua realidade traumática, qual seja, a do abusador, com quem se identifica.

Através da identificação com o adulto decorrente da incorporação, a criança é forçada a amadurecer precocemente, torna-se sábia (Ferenczi, 1923/1988), o que dá ensejo à postulação por parte de Ferenczi de uma “progressão traumática” (Ferenczi, 1932/2003, p. 104) vivida pelo sujeito, para a qual ele constrói a bela analogia com uma fruta que amadurece rapidamente devido às bicadas dos pássaros. Nesse cenário, a progressão traumática responde pela invenção de um eu clivado antes mesmo que o eu dispusesse das condições para advir (Pinheiro, 2002a).

Convém lembrar que, na literatura psicanalítica, o termo clivagem é associado a um processo de separação, de ruptura de determinada unidade psíquica. É o caso, por exemplo, da cisão entre o sistema inconsciente e o pré-consciente/consciente, ocorrida, como demonstrou Freud (1915b/1974), devido ao recalque. Mas se o recalque também responde por um processo de clivagem, qual seria a diferença entre este e o mecanismo de autoclivagem narcísica proposto por Ferenczi?

A clivagem narcísica, como a própria nomenclatura sugere, refere-se à divisão que se dá *no eu* e não *entre* diferentes instâncias psíquicas que se relacionam de maneira conflitiva, como sinaliza o processo de recalque. Além disso, as partes do eu cindidas pela clivagem não se comunicam entre si, de modo que a ênfase não recai na dimensão de conflito, tão pregnante na relação entre as partes separadas pelo recalque.

Dada a comparação entre Ferenczi e Freud no que se refere à divisão ocorrida na esfera do eu, é importante destacar que a envergadura do mecanismo postulado por Ferenczi não passou despercebida pelo fundador da psicanálise. Para além do recalque, Freud também mencionou a ocorrência de uma divisão do eu, aproximada do mecanismo de

constituição do objeto fetiche (Freud, 1940/1975), através da qual a função agregadora do eu ficaria comprometida. Nesse caso, as partes do eu divididas também não se comunicariam entre si: uma delas extrai as devidas consequências da castração, enquanto a outra usufrui de um mundo mágico onde os limites não têm vez.

No caso da constituição do objeto fetiche, todavia, é como se houvesse a divisão em duas cadeias representacionais, duas partes do eu que são passíveis de representação. As partes divididas pela clivagem na leitura ferenciana diferem dessa perspectiva, como aponta Roussillon (1999), pois uma delas evidencia uma cadeia de representações, ao passo que a outra indica justamente o que extrapola essa possibilidade.

É como se estivéssemos falando de dois modos de funcionamento subjetivo distintos, um dos quais estaria mais próximo das características das neuroses descritas por Freud, marcadas pelo conflito entre diferentes sistemas e, em última instância, entre cadeias de representações, e a outra destacaria justamente o que se furta à representação, como indicam as marcas traumáticas. Dessa forma, quando se indaga a respeito da distinção entre a autoclivagem narcísica e o processo de recalque, é importante não perder de vista que estamos falando de níveis distintos: um representável e outro que exalta justamente a outra cena da representação. Vale ressaltar que tais níveis correspondem a duas partes da subjetividade que coexistem e se ignoram mutuamente.

Na esteira dessa proposta, é possível supor que a concepção de neurose traumática para Ferenczi difere daquela de Freud, para quem esta seria uma tentativa de conciliar as partes do eu separadas devido ao trauma para se chegar à cura (Freud, 1939/1975). Na construção teórica proposta por Ferenczi, cabe também pensar essa neurose como tentativa de cura, mas tal esforço estaria calcado na expectativa de silenciar as incongruências entre as duas partes divididas pela clivagem. Se o neurótico freudiano patina nas aparentes sandices conflitantes das formações do inconsciente, o traumatizado ferenciano evidencia uma clivagem tão estável que as características da fragmentação só se fazem notar de modo pouco ruidoso para os que aceitam o esforço de procurar reconhecê-las.

Ademais, enquanto no recalque não se conserva “a memória de um primeiro tempo, que será significado como sintoma *a posteriori*, ... na clivagem traumática esses dois momentos não apresentam solução de continuidade” (Reis, 2004, p. 70). De um lado, há um segundo tempo carregado de sentido, do outro, dois momentos cujos sentidos escapam por entre os dedos, como a popular cabeça dupla personificada na figura mitológica da Quimera, sendo que, na aproximação estabelecida com os destinos da clivagem, cada cabeça olha para um lado e desconhece a existência da sua vizinha.

É contra essa “bifurcação do investimento narcísico” (Verzтman, 2002, p. 64) que o eu deve lutar na sua incessante tendência à integração, o que faz com que a clivagem não seja suficiente para apaziguar os efeitos da realidade traumática e o sujeito seja permanentemente reenviado a uma experiência traumática. Esse *revival* da realidade traumática se expressa de diferentes maneiras e corresponde, em última análise, à indicação da presença de marcas traumáticas não inscritas como traços psiquicamente representados.

O sujeito é, portanto, reenviado à realidade traumática mediante a reativação de tais marcas, muito embora não tenha consciência disso. O processo de reativação pode se dar de inúmeras maneiras, como, por exemplo, alucinações negativas, sonhos de angústia e soluções perver-sas (Bokanowski, 2002), indícios de que o psiquismo fora marcado pelo que extrapola a trama representacional e podem se apresentar na clínica como vicissitudes do trauma. Cabe ressaltar a distinção estabelecida por David-Ménard (2000a) entre os termos em alemão *Vorstellung* e *Darstellung*, ambos empregados por Freud. O primeiro pode ser traduzido por *representação*, ao passo que o segundo – *apresentação* ou *presentificação* – extrapola os limites do representável e se faz presente apresentando-se, aproximado por essa psicanalista de um registro mais alucinatório (David-Ménard, 2000b), por alusão ao emprego freudiano do termo para se referir aos sonhos.

Desse modo, os destinos do trauma são múltiplos, apontando não só para o registro da representação, mas também para o que o extrapola. As considerações ferenczianas sobre o trauma radicalizam a noção do sujeito construído (e desconstruído) em sua multiplicidade, como a imagem de um mapa cartográfico sugere: todos os países fazem parte de um conjunto, embora suas localizações os sujeitem a determinadas características, como a temperatura e a geografia, ou o fato de possuírem idiomas próprios e travarem relações com seus vizinhos conforme as tensões políticas decorrentes de seus percursos históricos. Para complexificar a analogia, o leitor é convidado a pensar na representação esférica do globo terrestre, uma vez que, a depender da posição do Sol, partes do globo são iluminadas enquanto outras permanecem temporariamente na escuridão.

Assim pode ser compreendido o psiquismo (e suas formações sintomáticas) aventado por Ferenczi: marcado que é por diferentes linguagens e temporalidades – Ferenczi chega a falar da “pluritemporalidade” (Ferenczi, 1924/1981, p. 278) das manifestações do paciente para os quais o analista deve estar atento –, pode evidenciar uma e/ou outra faceta de acordo com a leitura que dele se faz e das tensões às quais está submetido em determinado momento. Da mesma forma, como sugere Katz (1996), a perspectiva ferencziana a respeito do sujeito se afasta da perspectiva de uma estrutura estática, convocando-nos a pensar de maneira eminentemente processual, de modo que “os acontecimentos podem tomar outra

dimensão e há o estabelecimento de novas relações” (p. 125, itálicos do autor). É pertinente aproximar esses acontecimentos dos traumas, no plural, sejam as concepções destes encontradas em Freud ou em Ferenczi e, por conseguinte, em suas vertentes estruturante ou desestruturante.

Na outra cena da representação

Para ressaltar a pluralidade do psiquismo que é colocada em pauta por Ferenczi, sobretudo a partir de suas formulações sobre os destinos da traumatogênese, é interessante retomar a proposição através da qual Abraham e Torok (1995) compreendem a incorporação. Segundo a análise que os autores empreendem da melancolia, há nesta uma recusa da introjeção da perda do ideal que se oferece a ver na incorporação, de modo que o ideal não pode oferecer a garantia da validação das metáforas.

Para compreender melhor essa tese, convém retomar a função do processo de idealização, responsável por oferecer uma referência para a constituição do eu, o ideal do eu. Freud (1914/1974) postulou esse conceito para designar uma instância psíquica, herdeira do narcisismo infantil perdido, quando a invenção idealizada dos pais e a própria projeção de seus narcisismos na criança, *Sua majestade o bebê*, reinava soberana. Tal soberania perde paulatinamente sua majestade na medida em que ocorre a introjeção da distância entre o que se esperava daquela criança, o eu ideal, e o que ela se tornou, o eu real, comparação feita graças ao ideal do eu. O eu torna-se, então, não uma cópia fidedigna do narcisismo parental, mas um precipitado de identificações graças ao mecanismo de introjeção.

A corrida em busca do ideal do eu implica em fantasiar o desejo que o outro endereça ao sujeito, bem como a culpa por sempre se ver em falta em relação a esse desejo, aspectos que fazem parte dos encontros e desencontros inerentes ao universo das neuroses descritas por Freud. No caso da melancolia, a introjeção da perda do ideal – da distância entre o eu ideal e o eu real – é recusada. Assim, no lugar de um eu como precipitado de identificações, é possível acompanhar Freud (1917/1974) para afirmar que “a sombra do objeto caiu sobre o eu” (p. 281), ou seja, o objeto, cuja perda não foi introyetada, passa a funcionar como posseiro do eu, que deve se tornar uma cópia fidedigna daquele (Pinheiro, 2002a).

A metapsicologia da melancolia serve, portanto, de fio norteador para a discussão que Abraham e Torok (1995) empreendem sobre a incorporação. No avesso da introjeção e, por conseguinte, da possibilidade de representar e fantasiar à moda das neuroses analisadas nos primórdios da psicanálise, a incorporação traz à cena outro modo de funcionamento subjetivo, predominantemente marcado pelo trauma que serve de suporte ao mecanismo da incorporação.

Para ilustrá-lo, os autores se utilizam da oportuna imagem fotográfica por oposição à metafórica, ou seja, a imagem de uma fotografia que é dada por congelamento, captura de algo que se oferece de uma só vez. É claro que se trata da linguagem fotográfica que antecede a “era do Photoshop” e demais programas de manipulação de imagens que as transformam e desdobram em inúmeros processos, chegando a produzir imagens de verdadeiros contos de fadas à altura das fantasias histéricas analisadas por Freud no século XIX. Mas, afinal de contas, se a imagem fotográfica estaria no avesso da linguagem metaforizada, de que linguagem se trata?

A obra de Ferenczi oferece a oportunidade de pensar na vertente da linguagem que transborda das condições impostas para a construção de metáforas, posto que sinaliza a fala enquanto processo de imitação das coisas (Ferenczi, 2003) e não presença de uma ausência (Gondar, 2010). Trata-se de um modo de funcionamento subjetivo que extrapola a possibilidade de representação e nos convoca a lançar um olhar e uma escuta sensíveis à multiplicidade colocada em pauta pelo psiquismo. De acordo com essa leitura, a possibilidade de metaforizar é apenas uma dentre as demais que viabilizam a comunicação e, assim sendo, não deve ser considerada a operação da linguagem por excelência, embora seja deveras refinada e, como tal, ocupe posição de destaque nas discussões do campo.

A proposta encampada por Gondar (2010) é a de pensar a linguagem na via do sensível para o sentido e não partindo do significante, este submetido à possibilidade de representação metafórica; o que concorre para a suposição, ao lado da capacidade de representar, daquela “de estabelecer semelhanças no plano da sensorialidade” (Gondar, 2010, p. 126). A autora enfatiza a dimensão estética em jogo na concepção ferenciana de linguagem:

uma dimensão sensível, na qual se destaca a imagem sensorial da palavra, imagem que não pode ser assimilada nem ao significante linguístico nem ao que é emitido por um aparelho fonador. O que interessa é um certo halo que as palavras possuem, é a atmosfera que delas emana. Para dizer mais claramente: Ferenczi se interessa por aquilo que as palavras transportam de mágico e poético. (Gondar, 2010, p. 125)

O próprio Freud fala do estabelecimento de uma comunicação entre inconscientes (Freud, 1913/1969) de que o analista pode fazer uso no desenrolar de uma análise, antecipando, de certa forma, a dimensão sensível da linguagem enfatizada por Ferenczi (Ferenczi, 2003). Trata-se de uma assertiva freudiana que convoca o analista a se utilizar da escuta e do olhar sensíveis, indicando que há mais coisas entre analista e analisando do que supõe nossa crença no paradigma da representação.

Conforme essa orientação, a literalidade presente na clínica que é observada, não raras vezes, em análises com sujeitos que passaram por experiências traumáticas, não deve ser negativizada como indício de que o analisando é desprovido de uma operação fundamental que faria dele um modelo de sujeito a cair como uma luva no *setting* analítico clássico!

Assim sendo, o objetivo é justamente positivar a literalidade como capacidade de criação (Gondar, 2010), conforme atestam os mais variados exemplos de objetos artísticos, desde o paradigmático movimento da chamada arte da dor – cujos artistas buscam uma representação (ou melhor, uma apresentação) da dor e do trauma que escape aos imperativos da concepção clássica de arte, centrada na representação do belo (Selligmann-Silva, 2003) –, à chamada literatura *beatnik* e ao que o escritor Reinaldo Moraes (2011) chama de *literatritura*, “o atrito das letras com o real” (p. 211).

Segundo Canavéz e Herzog (2012), a positivação da literalidade como criação permite circunscrever esse atrito das letras com o real à esfera do comunicável, estratégia oportuna para conceber a pluralidade colocada em marcha por ocasião do trauma: formado seja por metáforas ocasionais, construídas pela parte do eu que preservou essa capacidade, seja pela literalidade. Com efeito, o choque evocado pela traumatogênese é capaz de restituir o caráter literal das palavras (Ferenczi, 1910/1981) que fora perdido com a preponderância das construções metafóricas, diminuindo a distância entre as coisas e as palavras para evidenciar a “modalidade de contato táctil” (Gondar, 2010, p. 131) destas.

Falar é uma das formas de expressar o que é sentido e não contornar a dimensão sensível da palavra, que pode ser aproximada da dimensão da outra cena da representação. De maneira análoga, é cabível aventar que as marcas traumáticas são atualizadas para além dos destinos “indesejáveis” mencionados anteriormente. Embora indiquem os limites da representação em sua acepção clássica – que privilegia a construção metafórica –, tais marcas não deixam de se fazer presentes no campo do comunicável. É preciso, portanto, estar atento à outra cena da representação que parece se fazer mais patente na clínica com os sujeitos ditos traumatizados.

In another scene of representation: Ferenczi's considerations about trauma

Abstract: The aim of this paper is to approach ferenczi's contributions about trauma to emphasize the diversity of the psychism, which is formed by represented psychic traits and also by traumatic brands that go beyond the field of representation. It is therefore proposed that the structural and deconstructive aspects of trauma are understood not only as predicates of different types of trauma, but also as movements inherent to the psychic constitution. Thus, the psychoanalytic clinics must extrapolate a model of psychism to contemplate all the subjective productions that take place in another representation scene, among them sensitive dimension of language.

Keywords: Psychic trauma. Representation. Ferenczi, Sandor, 1873-1933. Language.

Dans une autre scène de la représentation: considérations ferencziennes sur le traumatisme

Résumé: Le but de cet article est d'aborder le traumatisme chez Ferenczi à fin de mettre en évidence la pluralité du psychisme, soit construit par des traits représentés soit par des marques traumatisques qui sont au-delà de la représentation. Par conséquent, on propose que les vertentes constructive et déconstructive du traumatisme ne soient pas seulement entendues comme des différentes types de traumatismes, mais aussi comme des mouvements inhérentes de la constitution du psychisme. Ainsi, la clinique psychanalytique doit extrapoler un modèle étanche de psychisme pour considérer les productions subjectives qui ont lieu dans une autre scène de la représentation, dentre elles la dimension sensible du langage.

Mots-clés: Traumatisme psychique. Representation. Ferenczi, Sandor, 1873-1933. Langage.

En otra escena de la representación: consideraciones sobre el trauma en Ferenczi

Resumen: El objetivo de este trabajo es abordar la contribución de Ferenczi sobre el trauma para enaltecer la diversidad de la psique, sea formada por rasgos psíquicos representados o por marcas traumáticas que van más allá del campo de la representación. Por ello se propone que las vertientes estructurante y desestructurante del trauma sean comprendidas no como predicados de los diferentes tipos de trauma, sino como movimientos inherentes a la constitución psíquica. Por lo tanto, la clínica psicoanalítica debe extrapolar un modelo hermético de psiquismo para contemplar las producciones subjetivas que tienen lugar en otra escena de la representación, entre ellos la dimensión sensible del lenguaje.

Palabras clave: Trauma psíquico. Representación. Ferenczi, Sandor, 1873-1933. Lenguaje.

Referências

- Abraham, N., & Torok, M. (1995). Luto ou melancolia, introjetar-incorporar. In N. Abraham & M. Torok, *A casca e o núcleo* (M. J. R. F. Coracini, trad., pp. 243-257). Rio de Janeiro, RJ: Escuta.
- Bokanowski, T. (2002). Traumatisme, traumatique, trauma. *Revue Française de Psychanalyse*, 66(3), 745-757.
- Canavêz, F., & Herzog, R. (2011). Entre a psicanálise e a psiquiatria: a medicalização do trauma na contemporaneidade. *Tempo Psicanalítico*, 43(1), 111-129.
- Canavêz, F., & Herzog, R. (2012). A linguagem das resistências: considerações sobre o trauma na clínica psicanalítica. *Ágora*, 15(2), 327-341.
- David-Ménard, M. (2000a). *Tout le plaisir est pour moi*. Paris, Frace: Hachette Littératures.
- David-Ménard, M. (2000b). *A histérica entre Freud e Lacan: corpo e linguagem em psicanálise* (M. P. Cataldi, trad.). São Paulo, SP: Escuta.
- Ferenczi, S. (1981). Palabras obscenas: contríbución a la psicología en el período de la latencia. In S. Ferenczi, *Obras completas* (F. J. Aguirre, trad., Vol. 2, pp. 135-147). Madrid, España: Espasa-Calpe. (Trabalho original publicado em 1910)
- Ferenczi, S. (1981). Ontogénesis de los símbolos. In S. Ferenczi, *Obras completas* (F. J. Aguirre, trad., Vol. 2, pp. 135-138). Madrid, España: Espasa-Calpe. (Trabalho original publicado em 1913)
- Ferenczi, S. (1981). Retrospectiva histórica crítica. In S. Ferenczi & O. Rank, *Perspectivas del psicoanálisis. Obras completas* (F. J. Aguirre, trad., Vol. 3, pp. 267-285). Madrid, España: Espasa-Calpe. (Trabalho original publicado em 1924)
- Ferenczi, S. (1988). Transferência e introjeção. In J. Birman (Org.), *Sándor Ferenczi: Escritos psicanalíticos 1909-1933* (J. Bastos & A. Telles, trads., pp. 29-60). Rio de Janeiro, RJ: Taurus. (Trabalho original publicado em 1909)
- Ferenczi, S. (1988). O conceito de introjeção. In J. Birman (Org.), *Sándor Ferenczi: Escritos psicanalíticos 1909-1933* (J. Bastos & A. Telles, trads., pp. 61-63). Rio de Janeiro, RJ: Taurus. (Trabalho original publicado em 1912)
- Ferenczi, S. (1988). O sonho do neném sábio. In J. Birman (Org.), *Sándor Ferenczi: Escritos psicanalíticos 1909-1933* (J. Bastos & A. Telles, trads., p. 214). Rio de Janeiro, RJ: Taurus. (Trabalho original publicado em 1923)

- Ferenczi, S. (1988). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estádios. In J. Birman (Org.), *Sándor Ferenczi: Escritos psicanalíticos 1909-1933* (J. Bastos & A. Telles, trads., pp. 74-88). Rio de Janeiro, RJ: Taurus. (Trabalho original publicado em 1913)
- Ferenczi, S. (1990). *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (A. Cabral, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924)
- Ferenczi, S. (1993). As fantasias provocadas. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, trad., Vol. 3, pp. 241-148). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924)
- Ferenczi, S. (2003). Princípio de relaxamento e neocatarse. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, trad, Vol. 4, pp. 53-68). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930)
- Ferenczi, S. (2003). Análise de crianças com adultos. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, trad, Vol. 4, pp. 69-83). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)
- Ferenczi, S. (2003). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, trad, Vol. 4, pp. 95-106). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)
- Ferenczi, S. (2003). Reflexões sobre o trauma. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, trad., Vol. 4, pp. 109-117). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934)
- Ferenczi, S. (2003). *Diário clínico* (A. Cabral, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Freud, S. (1969). A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 393-409). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 123-252). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1974). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 85-119). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1974). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 129-161). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915a)

Freud, S. (1974). Repressão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 165-182). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915b)

Freud, S. (1974). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 271-291). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

Freud, S. (1975). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 3-161). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1939)

Freud, S. (1975). A divisão do ego no processo de defesa. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 307-321). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1940)

Freud, S. (1976). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 20, pp. 85-201). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (1977). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 381-517). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)

Gondar, J. (2010). *As coisas nas palavras. Ferenczi e a linguagem. Cadernos de Psicanálise*, 32(23), 123-132.

Katz, C. S. (1996). A clínica e o sofrimento; familiar e infamiliar. In C. S. Katz (Org.), *Férenzzi: história, teoria e técnica* (pp. 121-148). São Paulo, SP: Ed. 34.

Kupermann, D. (2008). Presença sensível. A experiência da transferência em Freud, Ferenczi e Winnicott. In D. Kupermann, *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica* (pp. 83-108). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

Mezan, R. (1996). O símbolo e o objeto em Férenzzi. In C. S. Katz (Org.), *Férenzzi: história, teoria, técnica* (pp. 91-119). São Paulo, SP: Ed. 34.

Moraes, R. (2011). *Tanto faz & abacaxi*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

- Pinheiro, T. (1995). *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Pinheiro, T. (1996). Trauma e melancolia. In C. S. Katz (Org.), *Férenzzi: história, teoria, técnica* (pp. 43-63). São Paulo, SP: Ed. 34.
- Pinheiro, T. (2002a). Escuta psicanalítica e novas demandas clínicas: sobre a melancolia na contemporaneidade. *Psyché*, 6(9), 167-176.
- Pinheiro, T. (2002b). Tornar-se uma outra na histeria e ser uma outra do falso self. Trabalho apresentado no *VI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental*. Recuperado de www.psicologia.ufrj.br/nepecc
- Reis, E. S. (2004). *De corpos e afetos: transferências e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro, RJ: ContraCapa.
- Roussillon, R. (1999). *Agonie, clivage et symbolisation*. Paris, France: PUF.
- Seligmann-Silva, M. (2003). Arte, dor e Kátharsis ou variações sobre a arte de pintar o grito. *Alea*, 5(1), 29-46.
- Torok, M. (1995). Doença do luto e fantasia do cadáver saboroso. In N. Abraham & M. Torok, *A casca e o núcleo* (M. J. R. F. Coracini, trad., pp. 215-235). Rio de Janeiro, RJ: Escuta.
- Verztman, J. S. (2002). O observador do mundo: a noção de clivagem em Ferenczi. *Ágora*, 5(1), 59-78.

Fernanda Canavéz, psicanalista, professora substituta do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Endereço para correspondência: R. General Severiano, 76/709, bloco 2, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil CEP: 22290-040. Endereço eletrônico: fernandacanavez@gmail.com

Recebido: 08/05/2012

Aceito: 26/11/2012